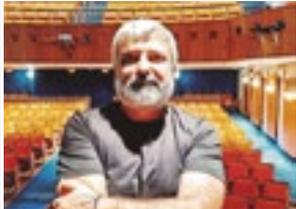


Luíz Antônio Rocha  
prefere hoje fazer  
teatro em SP

PÁGINA 4



Oscar alinhado  
com pautas da  
atualidade

PÁGINAS 10 E 11



Juliana Linhares  
celebra autores  
nordestinos

PÁGINA 14



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

# 'O novo tempo tem como símbolo o botão eletrônico'

Fernanda Montenegro,  
em namoro eterno com o teatro,  
faz leitura de Simone de Beauvoir



Divulgação

Por **Gustavo Zeitel** (Folhapress)

**F**ernanda Montenegro está em férias radicais. Prestes a completar 95 anos, a atriz descansa um pouco antes de retomar a sua agenda de compromissos. No momento, ela se limita a responder às perguntas da imprensa por escrito. É econômica ao dizer o que anda fazendo no tempo livre: "Vivo!", diz, exclamativa.

Poucas pessoas conseguem se comunicar tanto com apenas quatro letras. Lendo as respostas, podemos ouvir aquela sua voz grave, as acentuações dramáticas nas últimas sílabas e as pausas, suspendendo em silêncio o texto. Não por acaso, Fernanda se dedicará a uma leitura, assim que terminar as férias, nesta sexta-feira.

Comemorando 80 anos de carreira, ela sobe ao palco do Teatro Prio, na Gávea, para retomar o antigo projeto de dar vida à obra, escrita em 1981 pela filósofa francesa Simo-

ne de Beauvoir. Mesmo com a passagem do tempo, o entusiasmo da atriz pelo teatro não amainou.

Tanto que faz questão de acompanhar as novidades dos amigos. No final de semana, Fernanda foi ovacionada durante uma sessão de "O Que nos Mantém Vivos?", uma colagem de Bertold Brecht capitaneada pelo ator Renato Borghi.

Rodeada pelo elenco da peça, a atriz fez um discurso, louvando os teatros cheios na cidade, até em comparação com os cinemas.

Se a arte dionisíaca se sustenta com o passar dos séculos, o processo de preparação dos atores têm mudado, o que causa espanto em Fernanda.

"Aos 16 anos dei início à minha vocação ainda dentro de uma herança cultural. Hoje, aos 94, vejo o fim da era 'No Princípio Era o Verbo'", ela afirma, com um tom profético e grandiloquente. "O novo tempo tem como símbolo o botão eletrônico. Chegaremos além de Júpiter."

Continua na página seguinte

Suzanna Tierie/Divulgação

## CORREIO CULTURAL

Divulgação



Caetano e Bethânia na foto promocional da turnê

## Caetano e Bethânia anunciam turnê em dupla pelo Brasil

Para deleite dos fãs, Caetano Veloso e Maria Bethânia farão uma turnê juntos a partir de agosto. Desde outubro do ano passado havia rumores sobre a turnê dos irmãos, mas na ocasião o cantor e a cantora afirmaram que, apesar da conversa realmente existir, não havia nada de concreto.

Agora o anúncio é oficial. A

turnê começa de agosto, no Rio (Rioarena), com duas apresentações nos dias 3 e 4, e segue até 14 de dezembro, com encerramento em São Paulo, no Allainz Parque.

Os irmãos vão se apresentar também em mais cinco capitais brasileiras: Belo Horizonte (7/9), Belém (29/9), Porto Alegre (12/10), Brasília (9/11) e Salvador (30/11).

### No topo

A revista Forbes divulgou os 10 atores da indústria do cinema estadunidense que foram mais bem pagos em 2023. Adam Sandler foi o que mais faturou em 2023: R\$ 360 milhões.

Na sequência, vem Margot Robbie com R\$ 291 milhões.

### Censura

Exemplares do livro "O Averso da Pele", de Jeferson Tenório, estão sendo recolhidos de escolas estaduais do ensino médio no Paraná. Vencedor do Prêmio Jabuti de 2021, o romance foi alvo de polêmica em uma escola de Santa Cruz do Sul (RS).

### No topo II

Completam a lista: Tom Cruise (R\$ 222 milhões), Ryan Gosling (R\$ 212 mi), Matt Damon (R\$ 212 mi), Jennifer Aniston (207 mi), Leonardo DiCaprio (R\$ 202 mi), Jason Statham (R\$ 202 mi), Ben Affleck (R\$ 187 mi) e Denzel Washington (R\$ 118 mi).

### Censura II

O Prêmio Sesc de Literatura, conhecido por revelar novos escritores, vem sendo acusado de homofobia e de censurar o romance que laureou no ano passado, "Outono de Carne Estranha", de Airton Souza, sobre a paixão entre dois homens garimpeiros.



**Fernanda dá vida a uma aposentada que denuncia o tráfico de drogas na comunidade em que vive em 'Vitória', que chega aos cinemas em agosto**

# 'Por incrível que pareça, continuo com projetos de teatro e cinema'

**D**urante a carreira, Fernanda Montenegro cultivou intimidade com alguns autores. E a francesa Simone de Beauvoir é uma de suas preferências. Dirigida por Felipe Hirsch, Fernanda estreou, em 2009, o monólogo "Viver Sem Tempos Mortos", um texto constituído a partir da correspondência da filósofa.

Na época, a peça rodou a Baixada Fluminense antes de viajar pelo país. Agora, Fernanda volta o seu olhar a uma obra, já examinada em leituras feitas, no ano passado, no teatro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Há dois anos, a atriz ocupa a cadeira de número 17 da ABL.

Em "A Cerimônia do Adeus", Simone de Beauvoir narra os últimos dez anos da vida de seu marido, o também filósofo Jean-Paul Sartre, morto um ano antes da publicação

do livro, vítima de um ataque cardíaco. A primeira parte da obra é dedicada ao relato, que logo se torna uma reflexão sobre a finitude.

Já a segunda parte apresenta uma entrevista da autora com Sartre. Pelo intimismo contido na publicação, o texto causou furor nos jornais franceses. É a mesma intimidade com que Fernanda, sozinha no palco escuro, adornado somente com uma mesa, cativa o seu espectador na peça.

De acordo com a artista, Simone de Beauvoir deve ser considerada como "uma estruturadora básica do feminismo", não só pelo clássico "O Segundo Sexo", publicado em 1949. "Ao ler esse livro, aos 20 anos, houve concordância orgânica. Luminosa", diz Fernanda. "Já 'A Cerimônia do Adeus' é o absoluto ser humano ali presente. Sem pudor."

Nesse sentido, é quase impossível não traçar paralelos com

a vida da artista que, por quase seis décadas, esteve casada com o ator e diretor Fernando Torres, com quem dividiu algumas das peças mais importantes da carreira, como "O Mambembe", de 1959.

Já faz 16 anos que a atriz deu adeus ao marido. "Em toda união, seja de que sexo for, desde que haja uma real comunhão humana, a perda dessa cumplicidade é sempre dolorosa. Inaceitável", ela afirma, destacando os planos para a sequência do ano.

Única atriz brasileira indicada ao Oscar, Fernanda protagonizou o último trabalho feito pelo diretor Breno Silveira. Interpretando a personagem que dá nome ao filme, "Vitória" estreia nos cinemas em agosto. "[Foi] uma entrega absoluta. Por incrível que pareça, continuo com projetos de teatro e cinema", diz. Em paralelo, Fernanda participou das filmagens de "Ainda Estou Aqui", novo projeto do cineasta Walter Salles.

"O ano 2024 é já de muitos compromissos de trabalho. A propósito dos meus 95 anos chegando, repito, como lema, é com muita coragem que ainda estou aqui."

## SERVIÇO

### A CERIMÔNIA DO ADEUS

Teatro Prio (Jockey Club Brasileiro - - Av. Bartolomeu Mitre, 1110 - Leblon)

De 8 a 31/3, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Divulgação

Elisa Lucinda e  
Luís Filipe Lima

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Teatro I Love Prio é como amor de mãe. Sempre cabe mais um e tem afeto para todo mundo. A programação especial do mês de março, em homenagem a todas as mulheres, de todas as cores, de várias idades, de muitos amores, começou com uma de declaração do Feminismo com F maiúsculo, o espetáculo-show-performance King Kong Fran.

Além de Fernanda Montenegro, com a leitura dramática da emblemática obra de Simone De Beauvoir; um talk show da jornalista, cantora e compositora Natália Boere; o show “Baile Perfumado” de Elisa Lucinda; e ainda uma história musical reflexiva e engraçada de Giovana Fagundes. Com curadoria de Caio Bucker, ao todo serão mais de 15 apresentações, até 31 de março, e os ingressos já estão disponíveis.

Como forma de celebrar e enaltecer a presença das mulheres no teatro, o I Love Prio anuncia uma programação especial para março, o mês da mulher. Os amantes do teatro poderão conferir uma programação diversa, que vai de uma leitura dramática da emblemática Fernanda Montenegro sob a obra de Simone De Beauvoir; um talk show da jornalista, cantora e compositora Natália Boere; o espetáculo-show-performance King Kong Fran; o show “Baile Perfumado” de Eli-

# Uma casa com afeto

Teatro I Love Prio monta programação especial em março reunindo grandes mulheres em seu palco

Divulgação



Natália Boere

sa Lucinda; e ainda uma história musical reflexiva e engraçada de Giovana Fagundes. Juntas, essas

artistas potentes aquecem a cena cultural carioca e fortalecem o teatro. Com curadoria de Caio

Giovana  
Fagundes

Iain MacMillan/Divulgação

Bucker, ao todo serão mais de 15 apresentações, entre os dias 1 e 31 de março, e os ingressos já estão disponíveis.

“É uma responsabilidade enorme fazer curadoria, e um dos meus pilares é a diversidade. Sempre priorizei uma programação majoritariamente feminina, e para o mês da mulher, mais ainda. O ponto de partida foi: só mulheres incríveis no palco! E deu certo”, afirma Caio Bucker.

Em uma apresentação única, Giovana Fagundes apresenta “A História que nos Contaram”, um show que mescla ironia, muito deboche e aquela pitada de sarcasmo para trazer reflexões urgentes para a sociedade atual. Entre algumas temáticas como o descobrimento do Brasil, racismo, casamento, monogamia e sexo, a atriz ainda apresenta músicas autorais de comédia, para mostrar que a forma como cada um pensa, enxerga e julga as coisas à sua volta, as suas crenças, sonhos e até o jeito como se relaciona é construído ao longo da vida a partir das várias histórias que lhe contaram.

Com muita música e histórias

boas, a jornalista Natália Boere integra a programação com o talk show “Me Cante uma História”. O projeto autoral surgiu como uma série de lives sobre composição durante a pandemia, recebendo nomes como Paulinho Moska, Tom Karabachian e Sandra de Sá. E, logo, tomou conta do público que se emocionou também com as participações de Jards Macalé, Céu, Elba Ramalho, João Bosco, Fernanda Takai, Alceu Valença, Teresa Cristina, Xande de Pilares, e muito mais. Agora, a nova temporada estreia no Prio, no dia 20, com Adriana Calcanhotto contando as histórias de suas composições pela primeira vez no palco.

Por fim, para completar esta programação especial, Elisa Lucinda apresenta o show “Baile Perfumado”, ao lado do maestro Luis Filipe de Lima. A performance é uma inspiração na letra preta brasileira, reunindo autores negros para focalizar na poesia da canção e dos mestres da Música Popular Brasileira. voz da artista se une ao violão de Luis Filipe no palco no Prio, no dia 26, em única apresentação.

## ENTREVISTA / LUIZ ANTÔNIO ROCHA, DIRETOR TEATRAL

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**P**lateias paulistas que têm se emocionado com “Violeta Parra Em Dez Cantos” – em cartaz aos sábados e domingos no Teatro Itália Bandeirantes - notam que alguma coisa (muito boa) acontece no coração de São Paulo com a (oni)presença do encenador carioca Luiz Antônio Rocha nos palcos de lá.

Por aqui, “Brimas” e “Paulo Freire, o Andarilho da Utopia” – um par de sucessos de público e crítica – ampliaram seu prestígio. Ambas renovaram seus votos matrimoniais com a arte milenar de Sófocles e Aristófanes.

Rocha estreou em 1983, na ribalta do Tablado, sob a direção de Maria Clara Machado (1921-2001), e virou diretor há 20 anos, a partir do êxito popular de “Uma Loira Na Lua”, com Alexandra Richter. Nesse percurso, travou parceria com a atriz Rose Germano, a (brilhante) intérprete de Parra (cantora e artista plástica chilena), com quem faz uma segunda peça em Sampa: “Frida Kahlo – A Deusa Tehuana”. Essa está no Itália Bandeirantes também, só que às quintas e sextas.

Há ainda outro espetáculo dele por lá, para matar a cariocada de inveja: “Helena Blavatsky, a Voz do Silêncio”. Sua estrela é Beth Zalcman, numa atuação de chapar o coco e devastar o peito. Eles se apresentam no Teatro B32 (na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 3.732), de sexta a domingo.

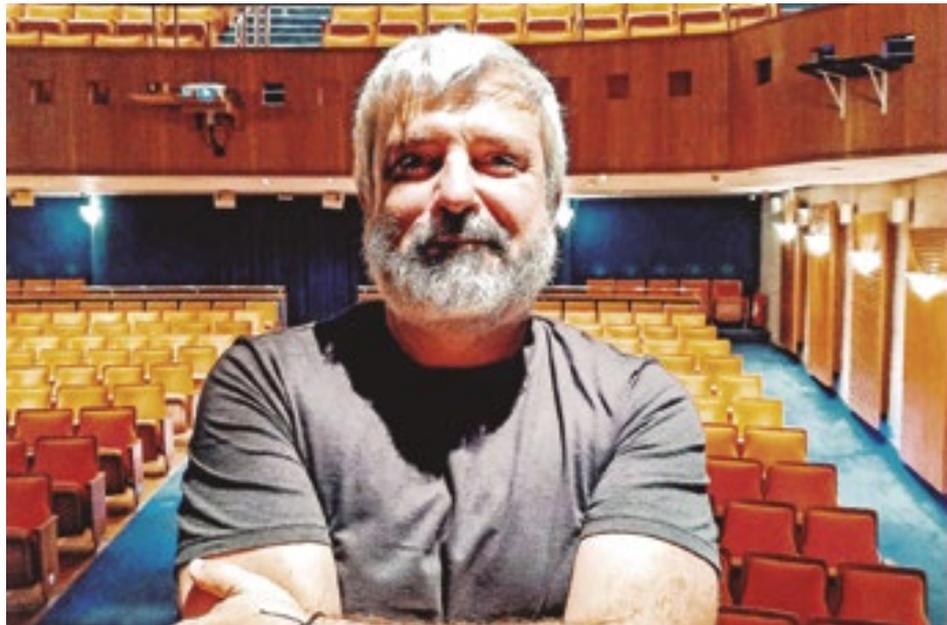
Neste papo, Rocha conta ao Correio da Manhã quais são os charmes da cena teatral paulista.

**Helena Blavatsky, Frida Kahlo, Violeta Parra... o que essas mulheres te apontam sobre a força do feminino e sobre as experiências de opressão dos séculos XIX e XX? De que modo elas libertam a sua condição masculina de ranços?**

**Luiz Antônio Rocha:** Sinto que na minha criação - apesar de ela ter sido extremamente machista conservadora - as mulheres da minha família sempre foram mais marcantes do que os homens. Helena me foi apresentada aos 30 anos pela minha terapeuta e desde lá, já se vão 27 anos que almejo trazê-la para a cena. Só agora consegui. Frida foi um insight para a amiga Rose Germano, que me devolveu a sacada com Violeta Parra. Minhas escolhas em teatro têm sido pautadas pela existência. O que estamos fazendo aqui. Morte e vida me interessam. Todas essas mulheres falam de vida, morte e existência. As pessoas têm medo de falar sobre a morte, mas

# ‘Teatro é duro. Não é fácil formar público’

Jow Coutinho/Divulgação



eu vejo tanta poesia nela que me acalma. E assim tem sido... Helena Blavatsky é a busca pela verdade. Não há religião superior à verdade. Frida Kahlo superou todas as dores e se transformou em arte. O amor é o tema central, o amor de Frida, daquilo que nos move: o amor pela vida. Em Violeta Parra, que tenho o prazer de estreitar em São Paulo, é uma celebração emocionada da vida e da arte por meio de uma das maiores artistas latinas, que cantou alto o amor, a revolta, as dores e as misérias de seu povo. É um texto escrito especialmente para mim pelo Luís Alberto Abreu. A partir das músicas da chilena Violeta Parra, a peça traça, de maneira crítica, um “raio x” da colonização da América Latina mostrando as veias abertas do nosso continente. A humanidade perdeu o seu Norte. Logo, falar sobre nosso processo de colonização me emociona. Trazer esses temas à cena é o que eu posso fazer, como um sinal de alerta, uma busca pela reflexão e por um mundo mais justo.

**Como vem sendo o trânsito Rio x São**

**Paulo do seu processo de criação com essas divas da resistência?**

O Rio de Janeiro ficou para trás na minha história. Não consigo mais me ver morando na cidade. No Rio, os teatros estão sucateados, abandonados. Os poucos teatros que existem não deram pauta para a peça de Helena Blavatsky. Não faço parte da panelinha carioca. Tanto para “O Profeta” quanto para Blavatsky, eu pedi pauta em cinco teatros cariocas e todos me disseram não. Em São Paulo, não existe “panela”. Teatro é um programa legal. O primeiro teatro paulistano que liguei para pautar “O Profeta” me recebeu de braços abertos, assim como acolheu a Blavatsky. Em São Paulo, há mais respeito pelo ofício das artes, não é um balneário e nem tudo acaba em samba. Tenho me dividido durante o processo de criação entre as duas cidades por causa das atrizes que residem no Rio. Não é fácil. É bastante cansativo, mas, aos poucos, começa a ficar mais fácil.

**Que investigação consciente você faz**

**sobre os limites da encenação e da representação nas suas peças?**

Eu me encontrei na técnica psicofísica do diretor russo Michael Chekhov, de quem sou um estudioso. Tento montar todos os meus espetáculos em cima dessa técnica, que utiliza o trabalho corporal e a imaginação. A criação para mim passa pelo sangue. É um processo dolorido, sagrado e sanguíneo. Saio de cada processo, renovado. Entendo o teatro como um ritual de reflexões. Tenho muito respeito pelo processo, medito antes dos ensaios e tento mergulhar nas camadas profundas que normalmente os textos não mostram - apenas sinalizam.

**Qual é a dramaturgia que mais atrai seu olhar e melhor aterra seu fazer hoje?**

É a obra de autores que falam das dores da humanidade e da existência humana. Autores como Gorki e Dostoiévski me emocionam. Sonho em montar “A Mãe” e “Pequenos Burgueses”, de Gorki, assim como “Memórias do Subsolo”, de Dostoiévski.

**Quais são as maiores dificuldades para se manter o teatro de guerrilha vivo nos palcos do país hoje?**

A política cultural brasileira é bastante falha, mesmo no governo Lula. Os editais são uma vergonha. Contemplam uma minoria e, muitas vezes, são sempre os mesmos. Os valores oferecidos mal dão para pagar a equipe técnica dignamente. A política de leis de incentivo também é falha. Difícil conseguir captação para peças como as minhas, que, apesar de tratarem de temas relevantes e de atraírem uma multidão, não têm nenhum artista de novela e nem celebridades de internet com milhões de seguidores. Tenho participado de reuniões com executivos atrás de patrocínio e é vergonhoso o descaso para produções mais simples como as minhas. Tenho a impressão de que os grandes patrocinadores não querem que o seu público pense, optando por musicais déjà vu, que nada têm algo a ver com a cultura brasileira, explorando temas que nadam na superfície sem nenhum aprofundamento. Montar sem dinheiro não é a maior dificuldade. O difícil é manter a peça em cartaz e ganhar espaço na mídia especializada, que permita que o público saiba da existência da peça. É difícil furar a bolha. O espaço para o teatro diminuiu bastante, mas, apesar disso, o boca a boca ainda é a nossa maior ferramenta. Hoje já consigo ter um mailing do meu público, interessado em peças mais reflexivas e que tocam a alma humana. Teatro é duro. Não é fácil formar público.

EDITAL  
DE CULTURA

SESC RJ  
PULSAR

24 / 25

INCENTIVANDO A ARTE

**AINDA DÁ TEMPO DE TRAZER O SEU  
PROJETO PARA OS HOLOFOTES**

O Sesc RJ prorrogou as inscrições para a quarta edição do Edital Sesc Pulsar, que seleciona projetos artísticos e culturais para serem exibidos no próximo ano.

INSCRIÇÕES GRATUITAS  
PRORROGADAS ATÉ AS 17H DO DIA

**18/3/2024**  
INSCREVA-SE:



MÚSICA • TEATRO • DANÇA • CIRCO • ARTES VISUAIS • AUDIOVISUAL • LITERATURA

CRÍTICA / TEATRO / NARA

# A guerreira por trás da menina

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**N**ara Leão poderia ter sido apelidada de Para uma menina com uma flor. Ou Carcará, pega mata e come. Ela desatinou. De tantos apelidos, de tantos títulos de músicas. Algumas que ela mesmo consagrou, outras de seus contemporâneos ou ainda aquelas das quais sobre as quais ela falava e trazia à luz uma MPB desconhecida.

Nara era Nara. Só isso. Essa foi a escolha de título de Miguel Falabella para o solo musical que ele

escreveu para sua companheira da vida toda, Zezé Polessa. Dois baby-boomers que conseguem, sem nostalgia, cantar e falar de um dos maiores símbolos dessa geração dourada, considerada a mais revolucionária de todos os tempos.

O musical conta, cronologicamente, a vida de Nara, o que muito facilita a compreensão do que foi a vida, a carreira, as lutas de uma artista, sobretudo para quem não a conheceu. Nara/Zezé vai falando de suas escolhas, de suas dúvidas, dos seus impasses e da sua relação da nova sociedade. Um tempo em que tudo era novo, disruptivo, experimentação, novos papéis.



Divulgação

**Sob a direção de Miguel Falabella, Zezé dá vida a Nara**

A solução de cenário de cenografia de Dina Salem Levy sustenta a movimentação de Zezé e emoldura o figurino de Nathalia Duran e o visagismo de Marcelo Dias para

que se perceba de forma realista quem era a protagonista absoluta em cena. A direção de movimento da experiente e talentosa Marina Solomon é um acerto, pois se afasta

da armadilha da imitação mimética e, geralmente, imperfeita.

As canções mostram o tempo em que não se via a banda passar. Muito pelo contrário, o espetáculo mostra a menina que queria ser cineasta e se torna cantora. Desse pormenor, o experiente diretor usa o procedimento cinematográfico de corte, para dizer “corta” e fazer o gesto, cada vez que Nara/Zezé menciona nova paixão. São dos detalhes e da delicadeza com o personagem que se compõe a bela homenagem que Falabella e Zezé fazem a mulher e artista gigante que foi Nara Leão.

## SERVIÇO

NARA

Teatro Firjan SESI Centro  
(Rua Graça Aranha, 1 – Centro)

Até 21/4, às quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (18h)

Ingressos: plateia baixa - R\$ 40 e R\$ 20 (meia); plateia alta - R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Ancestralidade

Com direção de Luiz Antonio Pilar e dramaturgia a partir das escutas da filósofa Helena Theodoro, “Mãe Baiana” traz no elenco Dja Marthins e Luiza Loroza como avó e neta que, ao viverem um momento de luto em família, veem a relação entre as duas renascer. O espetáculo, que joga luz sobre o papel poderoso e fundamental da mulher negra na sociedade, estreia nesta sexta (8), Dia Internacional da Mulher. A temporada vai até o dia 31 no Teatro II do CCBB, com apresentações de quinta a sábado, às 19h, e domingo, 18h.

Walmyr Ferreira/Divulgação

Rui Porto Filho/Divulgação

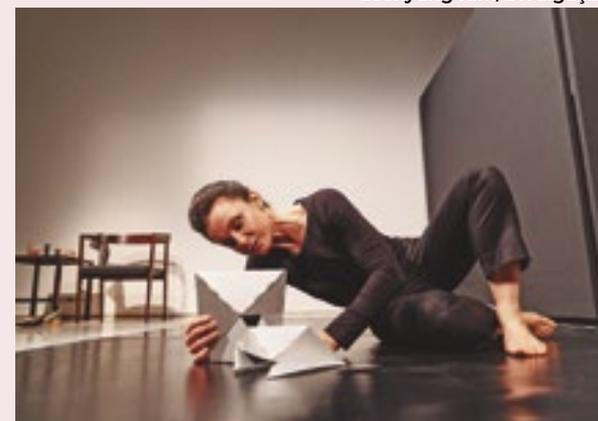


### Entre micos e gafes

Dez anos após o sucesso de “Morde!”, a atriz Simone Kalil celebra 25 anos de carreira com “Assopra”, uma comédia dramática que traz à tona divertidas histórias, micos e gafes, provocando risadas e reflexões sobre a vida e os desafios da profissão de artista no Brasil. Simone nos brinda com atuações memoráveis pela sua capacidade de ir além do monólogo, capturando a essência da vida. Falar de momentos hilários, embaraçosos e até surreais, que para mim, são pura inspiração para a atriz. Sábados, às 20h, e domingos, às 18h, no Sesi Jacarepaguá.



Leekyung Kim/Divulgação



### Diários de Lygia Clark

Indicada ao Prêmio APCA 2022 de Melhor Dramaturgia pelo trabalho de Maria Clara Mattos, “Lygia”, baseada nos diários de Lygia Clark, direção de Bel Kutner e Maria Clara Mattos, volta ao Teatro Poeira às terças e quartas. Com atuação de Carolyn Aguiar, a peça mergulha no processo de criação de uma das mais importantes artistas brasileiras, e também em suas percepções, amores, temores, dúvidas e desencantamentos em relação ao mundo da arte. Lygia Clark (1920-1988), que desafiou as ideias sobre o que é ou pode ser a arte, viveu em Paris por duas vezes.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**R**enato Rocha, desde criança, teve o olhar para a arte popular, para os ambientes diversos, reunindo grupos, ousando e ampliando fronteiras. Sua avó, pernambucana, era bordadeira. Olhava com encantamento avó e mãe no ofício poético de bordar, com as cores, os fios, as misturas.

Criança, ia para a Mangueira, conviveu com a escola de samba. Tornou-se um carnavalesco. Repete a experiência, dirigindo os carros abre-alas de grandes escolas como Grande Rio e Imperatriz Leopoldinense. Coreógrafo dos blocos Céu na Terra e Boi Tolo, faz da pista, da praça e das ruas um palco.

Renato é um metteur-en-scène, a palavra francesa para diretor, e que traduz, literalmente o que ele coloca em cena, trabalhando no campo expandido nas mais diversas interfaces de experiências e pesquisas artísticas. Uma composição de todas as artes, de todos os códigos e linguagem, de diferentes culturas.

As experiências o marcaram, pois jamais foi de um lugar apenas. Trabalhou com o grupo de circo Intrépida Trupe, com a Cia Bufomecânica e com o Grupo de Teatro Nós do Morro, na favela do Vidigal, onde morou por 13 anos, e que o alçou ao cenário internacional, para trabalhar com a Royal Shakespeare Company, em Londres.

Renato é uma referência no mundo no uso das artes como ferramenta de transformação social, engajamento de comunidades em situação de vulnerabilidade e arte como ativismo.

Criou espetáculos para a RSC, The Roundhouse, LiFT Festival, Circolombia, Bienal Internacional de Artes de Marselha, National Theatre of Scotland, Festival Internacional de Leicester, União Europeia e Unicef.

Dirigiu projetos na Índia, Berlim, Tanzânia, Quênia, Egito, Paris, Nova Iorque, Edimburgo, Estocolmo, Budapeste, Portugal e Colômbia. Foi diretor artístico da Organização Street Child United (uma rede global de 20 países, no

Renato Mangolin/Divulgação



Takumã Kuikuro /Divulgação



*Rocha reuniu artistas com olhar direcionado na cosmovisão indígena do planeta como casa de todos os seres*

# A arte te pega daqui e pega de lá

Artista da multilinguagem, Renato Rocha ocupa o Futuros - Arte e Tecnologia com o projeto Casa Comum



trabalho com jovens em situação de rua) e do Circus Incubator, colaboração entre França, Finlândia, Suécia, Espanha, Canadá e Brasil.

Em 2016, fundou o NAI – Núcleo de Artes Integradas, no Brasil, onde criou “Before Everything Ends” para o Festival Home/ Away em Glasgow, “S’blood”, indicado ao Shell-RJ de 2018, na categoria inovação, “Entre Cinzas, Ossos e Elefantes”, “Estar fora do mapa também é existir” para a ArtRio, na C.Galeria, “Fragmentos de emaranhados e esquecimentos”, para o ArtCore no MAM-RJ e a plataforma internacional.

Assim, criou a Casa Comum, que ocupa o Futuros - Arte e Tecnologia (o antigo Oi Futuro), um projeto que nasce de ter convivido pelo Brasil no Nordeste, Minas e Amazônia. Estão lá as obras e experiências de artistas amazônidas e olhar direcionado a cosmovisão indígena do planeta como uma “casa comum” de todos os seres vivos.

Ao trazer para vários lugares, o projeto-plataforma, desenvolvido desde 2020, que já circulou em

grandes festivais em Londres, Pará e Porto, além da COP 26, em Glasgow, Escócia, ganha escala de uma “Major Exhibition”, oferecendo ao público múltiplas experiências.

O que está posto, o maior mérito do trabalho, é presenciarmos com o colonialismo ameaça mais do que as árvores. É percorrer os saberes de uma cultura intimamente ligada à natureza e profundamente consciente do impacto da atividade humana sobre ela. É lindo ver a cobra de palha, pendurada e ligando andares, as máscaras, o documentário que nos descortina novos mundos.

Renato tem uma filha, Julieta. Para ela e por causa dela, mergulha em um novo projeto: uma instalação pessoal, itinerante, um figurino de uma Cuca, nossa lendária figura ameaçadora, uma jacarua que invoca os espíritos e traz a presença do feminino, a lembrança da avó como, na verdade, aquela que protege a floresta. A Cuca de Renato está vindo nos pegar com a sua mensagem para mostrar que a arte, a presença do popular nos leva à reflexão e ao prazer da fruição.

**SHOW****MÚSICA NO MUSEU CCBB**

\*O Música no Museu tem por objetivo a formação de plateias e estimular a música de concerto, sendo realizado em diversos museus e centros culturais da cidade. Até 22 de março no Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

**CARLA MUZAG**

\*A cantora e compositora Carla Muzag lança o clipe da faixa "Maré" e faz pocket show no Agô, Bar da Encruza (Rua Áurea, 30 - Santa Teresa). Sex, às 20h. Grátis.

**DINEY + BOKALOKA NA ANTONELA**

\*A casa mais charmosa da Lapa está de volta com muitas novidades e uma agenda repleta de convidados especiais. No sábado, os amantes do pagode podem se preparar para uma noite animada, com DJs nos intervalos tocando todos os hits do momento. 9 e 10/3 no Antonella Bar & Lounge. Avenida Mem de Sá, 104.

**BAILE DO BRIME**

\*O Circo Voador recebe mais uma edição do Baile do Brime no sábado (9). Fleezus, CESRV e Febem se unem para criar uma noite repleta de batidas e rimas. Circo Voador. Rua dos Arcos, s/nº.

**TRIBUTO AO REI DO POP**

\*Rodrigo Teaser, reconhecido por sua notável habilidade em recriar a performance de Michael Jackson, apresentará grandes sucessos do Rei do Pop, como "Thriller", "Billie Jean", "Smooth Criminal" e muitos outros. Neste domingo (10) no Via Music Hall. Rod. Pres. Dutra, 4200.

**HUMOR****CASA DA COMÉDIA CARIOCA**

\*A Casa da Comédia Carioca, no anexo do Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema), recebe o melhor da comédia. 10 e 15/3.

**TEATRO****TEBAS LAND**

\*A premiada peça com Robson Torinni e Otto Jr. acompanha a instigante relação entre um jovem parricida e um dramaturgo interessado em escrever a história de seu crime. Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Qui a sáb (20h) e dom (19h). Até 28/4.



Tebas Land

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Tributo ao Rei do Pop

**CHARLES AZNAVOUR - UM ROMANCE INVENTADO**

\*Musical romântico com humor e leveza sobre o universo da saudade, das paixões e da passagem do tempo, a partir das músicas mais icônicas do artista francês. Com Sílvia Bandeira e Maurício Baduh. Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899, sala 213, São Conrado). Apresentação única em 9/3 às 20h.

**A CASA DOS BUDAS DITOSOS**

\*"A Casa dos Budas Ditosos", é uma adaptação teatral do livro de João Ubaldo Ribeiro, com direção de Domingos de Oliveira. Teatro Multiplan (Village Mall - Av. das Américas, 3900 - Piso SS1). Até 27/3.

Divulgação



Carla Muzag

Divulgação



Charles Aznavour - Um Romance Inventado

### KAFKA E A BONECA VIAJANTE

\*O espetáculo retorna ao Rio após sua bem-sucedida itinerância por diversas capitais. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente - Loja 370, 53). Até 28/4

### SHIRLEY VALENTINE

\*O monólogo apresenta uma trama envolvente e introspectiva, centrada na personagem Shirley, interpretada por Susana Vieira. Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290A, Leblon). Até 10/3

### LOTTE ZWEIG - A MULHER SILENCIADA

\*Em 23 de fevereiro de 1942, o celebrado escritor, Stefan Zweig e sua esposa Charlotte Altman Lotte Zweig, foram encontrados mortos em seu bangalô, em Petrópolis. A

causa apontada indicava suicídio duplo. Mas, 80 anos depois, novos indícios, novas e persistentes dúvidas. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado). Até 28/4.

### O QUE NOS MANTÉM VIVOS

\*Com Renato Borghi, Débora Duboc, Elcio Nogueira Seixas e elenco, o ato-espetáculo-musical critica o autoritarismo fascista que assombra o Brasil. Teatro Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163) Sex e sáb (19h) e dom (18h). Até 18/3

### TRILOGIA GRANDE SERTÃO: VEREDAS

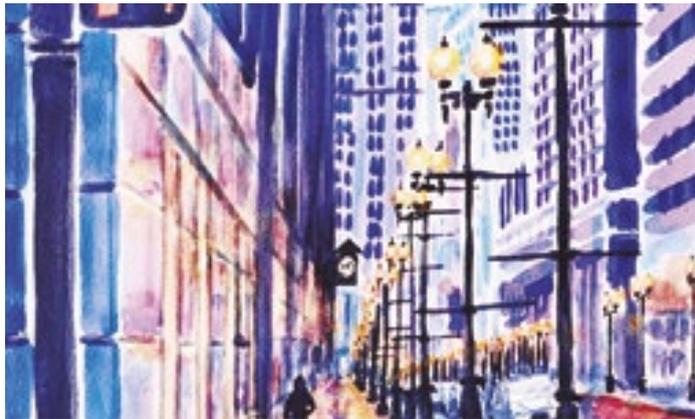
\*Recortes da obra prima "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa. Encenará as duas primeiras peças da trilogia, "Riobaldo" aos sábados e "O Dia-

Divulgação



Lotte Zweig - A Mulher Silenciada

Divulgação



Luzes

Divulgação



Kadabra

bo na Rua, no Meio do Redemunho" aos domingos. Museu da República (Rua do Catete, 153). Sáb e dom (19h30). Até 31/3

### UM FILME ARGENTINO

\*"Um Filme Argentino (UFA)" é uma obra teatral fascinante e única, explorando as complexidades e reviravoltas da vida de um casal, enquanto utiliza uma abordagem cômica para destacar as diferentes facetas dos relacionamentos. Teatro Adolph Bloch (Rua do Russel, 804). Até 21/4

## EXPOSIÇÃO

### DIÁLOGOS

\*A Ava Galleria Rio (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering, Santo Cris-

to) apresenta a exposição Diá-logos, trazendo obras figurativas e abstratas, de artistas brasileiros, finlandeses e suecos. Até 9/3, qua a sáb (11h às 17h). Grátis

### LUZES

\*O artista Jérôme Poignard apresenta aquarelas de paisagens urbanas do mundo, marcadas por cores e luzes, próprios de seu estilo, que convidam o espectador a viajar pelos cenários e pelas histórias que as obras contam. Até 20/3, qua a sáb (11h às 17h), na Galeria Dobra (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhe-ring, Santo Cristo). Grátis

### CORPO FORMOSO

\*Em sua primeira individual, a artista Yoko Nishio apresenta 11 pinturas inéditas, que têm como fio condutor a relação entre o corpo e a cidade. Museu da República (Rua do Catete, 133). De ter a se (10h às 12h e 13h às 17h), sáb, dom e feriados (11h às 12h) e 13h às 17h). No dia 27/2, visita guiada com a artista. Até 10/3

## INFANTIL

### A FABULOSA FÁBRICA DE MÚSICA

\*Quando uma caixinha de música, que esconde um poder mágico, se quebra na unidade brasileira do Colégio Beethoven. Ela passa a existir em tamanho real. Até 15/3 no Teatro das Artes - Rua Marques de São Vicente, 52 - Gávea

### A BELA E A FERA

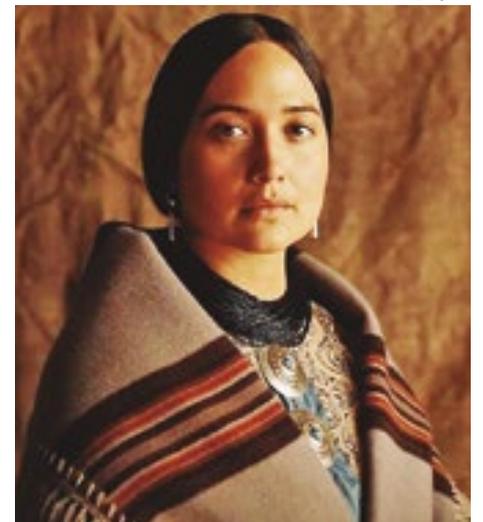
\*Um musical inspirado na história clássica "A Bela e a Fera". Com um pai cientista e excêntrico, uma filha única e determinada como Bela, e um antagonista sedutor como Gaston, a trama promete uma mistura de emoção, amor e magia. Teatro Miguel Falabella. 09 a 31 Março. Norte Shopping - Av. Dom Hélder Câmara, 5474, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro.

### KADABRA - SHOW DE MÁGICA

\*Prepare-se para uma aventura mágica como nenhuma outra! "Kadabra" é um espetáculo de magia totalmente imersivo, que promete surpreender e encantar públicos de todas as idades. Inspirado no universo bruxo, o show combina elementos de teatro, magia e música para criar uma experiência inesquecível. 9/3. Ecovilla Ri Happy/ Rua Jardim Botânico, 1008 - Jardim Botânico



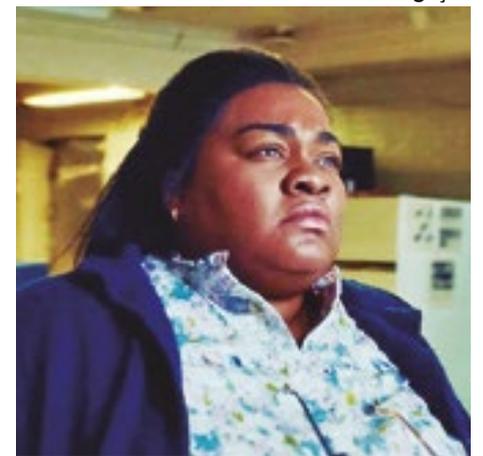
Divulgação



Divulgação

Assassinos da Lua das Flores

Divulgação



Os Rejeitados

Oppenheimer

# Um Oscar contemporâneo

As principais pautas sociais e políticas da atualidade dão a tônica da disputa pela estatueta de Hollywood, que tem ‘Oppenheimer’ como favorito

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**D**omingo é dia de Oscar e “Oppenheimer” tem tudo para limpar os trilhos da vitória na festa anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, incluindo o troféu de Melhor Filme. Ensaio sobre a corrupção nos meandros do Poder, a partir dos bastidores da criação da bomba atômica, nos anos 1940, a cinebiografia do físico Julius Robert Oppenheimer

(1904-1967) concorre a 13 estatuetas pela instituição fundada em 1927, composta por cerca de 9,9 mil associados. O faturamento dessa superprodução de US\$ 100 milhões, dirigida pelo inglês Christopher Nolan (de “Interestelar”), foi de US\$ 957 milhões. É a terceira maior receita de faturamento (em escopo mundial) de venda de ingressos em 2023, quando o campeão foi “Barbie”, de Greta Gerwig - que arrecadou US\$ 1,4 bilhão. A saga antisssexista da boneca mais famosa do mundo foi indicada em oito categorias, e tem tudo para levar as láureas de Figurino e Canção, dada a força de “What Was I Made For?”, de Billie Eilish e Finneas

O’Connell. Ambos os longas-metragens – o de Greta e o de Nolan – formaram, em circuito exibidor, a dobradinha chamada “Barbenheimer”, numa sinergia revolucionária para os padrões mercadológicos de uma indústria enfraquecida pela pandemia. Estrearam no mesmo dia. Mesmo sendo diversos – radicalmente – na forma e no conteúdo, ajudaram-se, mantendo as salas lotadas, ainda que com públicos de perfis diferentes (sobretudo em termos etários). Deram ao audiovisual aquilo de que ele mais carece: cinemão, dos mais populares, porém, com grife autoral.

Embora não tenha cifras tão altas, mas, ainda assim, seja um sucesso mastodôntico para as contas de seu país (a França), o resfolgante “Anatomia de uma Queda”, ganhador da Palma de Ouro de Cannes, em maio passado, também se esgueira por esse veio de espetáculos de alta aceitação popular, mas de vertigens autorais em sua medula narrativa. Assim como “Barbie”, o misto de drama fa-

miliar e thriller de tribunal dirigido por Justine Triet é um ataque ao sexismo. Tal qual “Oppenheimer”, ele utiliza matrizes de gênero clássicas, dando a elas moldes formais e debates contemporâneos. Vendeu 1,6 milhão de ingressos em sua pátria natal, que preferiu indicar “O Sabor da Vida”, de Tran Anh Hùng, com Juliette Binoche (na pele de uma cozinheira empoderada do século XIX), como seu candidato oficial aos votos da Academia. O motivo: Justine protestou contra as incongruências econômicas do governo francês em relação a políticas culturais. Mesmo sem o endosso de sua pátria, contabiliza fortunas (US\$ 32 milhões) e é o favorito ao Oscar de Melhor Roteiro Original.

No âmbito do Roteiro Adaptado, “Oppenheimer” (inspirado no livro “American Prometheus”, de Kai Bird e Martin J. Sherwin) deve perder para “Ficção Americana”, que virou “O” assunto das redes sociais, ao ser lançado aqui via Amazon Prime. A direção do cineasta estreante Cord Jeffer-

Divulgação

**20 Dias em Mariupol**

Divulgação

**Zona de Interesse**

son (um prolífico roteirista de séries de TV e streaming) se deleita no timbre satírico do romance “Erasure”, de Percival Everett. Indicado a cinco Oscars, essa ácida comédia de tintas políticas ganhou o prêmio de júri popular do Festival de Toronto, uma láurea que define futuros sucessos. Inédito em nossas salas de projeção, a produção traz Jeffrey Wright (dublado aqui por Duda Ribeiro) no papel do misantrópico Thelonious Ellison, professor de Literatura e escritor de pouca notoriedade. O boom de romances sobre causas raciais e pautas identitárias fazem com que ele escreva um livro ferocíssimo, fingindo ser um ex-presidiário que investe num relato de autoficção. O êxito de sua fake novel tira sua paz no momento em que ele reconfigura sua vida afetiva. É um aríete antirracista.

Pode se dizer o mesmo da atuação de Lily Rose Mary Gladstone, descendente de indígenas Nimípuu e Pikunis, em “Assassinos da Lua das Flores” que deve fazer dela

a ganhadora do Oscar de Melhor Atriz. Ela sintetiza todo o trauma da extinção gradual de uma população, os Osage, em sua interpretação. No longa, hoje na grade da Apple TV, Mollie (Gladstone) faz parte de um contingente de Osages que ficou rico com a descoberta de petróleo em suas terras, mas padece de diabetes, sem conseguir dar conta do mal-estar que sente. Padece também da dor diante das mortes de seus conterrâneos. Martin Scorsese, realizador desse faroeste indigenista, uma vez mais deve sair sem outras láureas, como aconteceu com seu “O Irlandês”, em 2020.

Existe um caminho contra a intolerância racial também na recorrente consagração de Da’Vine Joy Randolph, favorita absoluta entre as concorrentes ao prêmio de Atriz Coadjuvante pela dramédia “Os Rejeitados”. Ela vive a chefe da cozinha de uma tradicional escola que perdeu o filho na Guerra do Vietnã e passa o Natal ao lado de um aluno rebelde (Dominic Sessa) e de um professor irascível,

Divulgação

**Ficção Americana**

Divulgação

**Eu, Capitão**

encarnado por Paul Giamatti.

Há quem diga que o Oscar de Melhor Ator pode ser dele, mas, segundo prognósticos, quem vai vencer é o intérprete do próprio Oppenheimer, o irlandês Cillian Murphy. Historicamente, o Oscar vai para quem vence dos prêmios sindicais de Hollywood, as “guilds”, e ele recebeu o troféu do Screen Actors Guild. Robert Downey Jr. recebeu também, como Melhor Coadjuvante do ano, o que consagra o eterno Homem de Ferro com o mimo que, há tempos, ele almeja ter.

Foi Nolan, cineasta responsável por arrancar magistras atuações dele e de Cillian, quem levou pra casa o troféu do Directors Guild of America. Tem tudo para ser oscarizado no domingo, e já era hora. “Batman - O Cavaleiro das Trevas” (2008), “A Origem” (2010), “Interestelar” (2014) e “Dunkirk” (2017) deram provas de sobra de que o diretor autor britânico é dos mais ousados contadores de história de nosso tempo. É um dos poucos capazes de oferecer às telas

pipocas com temperos estéticos inusitados.

Pelas especulações de sites como “Awards Daily” e revistas como a “Variety”, “Oppenheimer” vai vencer em oito frentes. Tem tudo para brilhar nas categorias Fotografia, Montagem, Som e Trilha Sonora, além das já citadas disputas de Ator, Ator Coadjuvante, Direção e Filme. “Pobre Criaturas”, que rendeu o Leão de Ouro para Yorgos Lanthimos, dispara como o preferido para o prêmio de Direção de Arte.

Entre os documentários, o mais falado é “20 Dias em Mariupol”, de Mstyslav Chernov, sobre a guerra da Ucrânia. Já entre as animações a guerra vai ser pesada. De um lado, figura o artesão japonês Hayao Miyazaki de um lado, com seu “O Menino e a Garça”. Do outro lado está o trio Joaquim Dos Santos, Kemp Powers e Justin K. Thompson, que fizeram de “Homem-Aranha: Através do Aranhaverso” um fenômeno popular (com uma bilheteria de US\$ 690 milhões) e um tratado contra exclusões.

Ou seja, no cômputo geral, as pautas identitárias do Presente ditam os rumos da cerimônia. O próprio “Oppenheimer” cai nessa lavra ao resvalar no antissemitismo e ao debater a gênese do Mal nos meandros da corrida armamentista, cartografando patologias institucionais dos EUA e seu saldo sobre nações como o Japão, alvo da explosão nuclear de 1945, retratada no longa.

É curioso ver como temas que hoje bifurcam o planeta em polarizações se manifesta na briga pelo prêmio de Melhor Filme Internacional. “Eu, Capitão”, do italiano Matteo Garrone, por exemplo, vai ao Senegal para investigar os saldos dos fluxos migratórios. Já Wim Wenders (que fala ao Correio da Manhã na entrevista a seguir) aborda a aceitação das inquietudes cotidianas em “Dias Perfeitos”, representando a produção cinematográfica japonesa. O alemão “A Sala dos Professores”, de Ilker Çatak, é uma panela de pressão de xenofobias. Já o representante do Reino Unido, “Zona de Interesse”, que rendeu o Grande Prêmio do Júri a Jonathan Glazer, revive os horrores de um Campo de Concentração numa ótica inédita. O diretor aborda o casulo do ódio a partir de conflitos conjugais do comandante de Auschwitz. Há quem bata o martelo em torno de seu favoritismo. Mas a Netflix parece empenhada em ganhar, via Espanha, com “A Sociedade da Neve”, de J. A. Bayona. É a reconstituição da batalha pela sobrevivência da seleção uruguaia de rúgbi, cujo avião caiu nos Andes em 1972. É uma trama de resiliência, palavra de ordem para um mundo assolado de ódio.

Keiko Tominaga/Wenders Images



Wim Wenders no set de filmagens de 'Dias Perfeitos', uma produção teuto-japonesa rodada 100% no Japão

# 'Os meus filmes só ficam bons quando tenho restrições orçamentárias'

Wim Wenders retoma artesanaria existencialista com o poético 'Dias Perfeitos', rodado inteiramente no Japão

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**G**anhador da Palma de Ouro por "Paris, Texas" (1984), o alemão Wim Wenders vinha numa recorrente carreira de indicações ao Oscar de Melhor Documentário nos últimos 25 anos. Foi indicado por "Buena Vista Social Club" (1999), no qual revisita a música cubana. Depois, foi à festa da Academia de Hollywood



Divulgação

com "Pina" (2011), sobre a coreógrafa Pina Bausch.

Já em 2015, ele colocou o Brasil na cara do gol, numa direção em dupla com Juliano Salgado em "O Sal da Terra". Sua triagem sobre o trabalho fotográfico e antropológico de Sebastião Salgado deu a ela uma vaga na competição americana.

Mas fazia tempo que o artesão existencialista por trás de pérolas como "Asas do Desejo" (1987) não

**'Dias Perfeitos' mostra o cotidiano de um limpador de banheiros públicos em Tóquio e sua forma comovente de encarar a vida**

fazia uma ficção tão boa quanto "Dias Perfeitos" ("Perfect Days"). O curioso é que sua entrada entre os indicados à laurea de Melhor Filme Internacional se dá via Japão e não por veredas germânicas.

É uma produção nipônica, fa-

lada em japonês e filmada em Tóquio em 17 dias. Seu protagonista, Koji Yakusho (visto em "Babel"), ganhou o prêmio de Melhor Ator em Cannes, de onde Wenders saiu com a laurea do Júri Ecumênico. O personagem dele: um zelador que limpa privadas públicas, ouve rock em fitas K-7, lê livros e curte a rotina da vida.

"A arquitetura dos banheiros públicos em Tóquio é de uma sofisticação singular. A cidade teve que

se refazer com o impacto da pandemia e as pessoas voltaram a esses espaços certas de que há profissionais devotados à sua limpeza, à sua manutenção", disse Wenders ao Correio da Manhã, em Cannes. "Recebi uma proposta para fazer um documentário sobre profissionais como Hirayama, o personagem de Koji no filme. Mas conforme eu fui adentrando naquele mundo, percebi que deveria rodar uma ficção. Os produtores japoneses se assustaram: 'A verba que temos é para um .doc, não rende um longa ficcional'. Fui aí que percebi a rota a tomar. Os meus filmes só ficam bons quando tenho restrições orçamentárias. Não sei filmar com orçamentos grandes. Se você me oferecer uma bolada para rodar uma história, vou baixar para 10% do que me foi ofertado. Não é proselitismo. É que venho de uma escola de cinema independente, de uma prática lá dos anos 1960 e 70 de poucos recursos. É assim que invento".

Wenders saiu muito machucado de "Palermo Shooting" (2008), romance metafísico que criou em tributo às mortes de Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni, ambas em 2007. É uma trama que nunca foi lançada em telona no Brasil. Antes dele, seu trabalho de maior êxito fora da não ficção foi "O Hotel de Um Milhão de Dólares" (Prêmio do Júri da Berlinale de 2000), com Mel Gibson. Depois, ele alcançou destaque mediado com "Submersão", que abriu o Festival de San Sebastián, em 2017.

"Existem filmografias que vão e voltam dos holofotes. Cresci numa época em que amávamos um cinema italiano que sumiu. O mesmo posso dizer dos filmes japoneses. Fazer 'Dias Perfeitos' foi uma forma de matar as saudades do tanto que mestres do Japão me deram, na forma de uma história sobre prazeres analógicos que persistem. Talvez eu seja analógico", diz Wenders. "Sou do tempo do LP de vinil e ainda ouço rock'n'roll neles. Sou do tempo em que se ouvia um mesmo LP por semanas. Depois a gente ouvia um LP por dia. Teve um tempo em que, na minha vitrola, rolavam dez LPs da manhã até chegar a noite. O rock salvou a minha vida".

# Vanessa da Mata em modo doce

Celebrando 20 anos de carreira, artista apresenta álbum indicado ao Grammy Latino e seus grandes sucessos

Priscila Prade/Divulgação



Vanessa da Mata mostra neste sábado as canções de seu disco mais recente

**V**anessa da Mata retorna ao Rio com a turnê de “Vem Doce” na celebração de seus 20 anos de carreira com show neste sábado no palco do Qualistage. O álbum é sucesso de público e crítica, sendo indicado ao Grammy Latino na categoria Melhor álbum de música popular brasileira. E a cantora promete incluir no repertório seus maiores sucessos. Multi-talenta, Vanessa atua como compositora, arranjadora, produtora e intérprete.

Dividido em três atos, o show tem direção assinada por Jorge Fajalla e apresenta a artista revisitando sua trajetória pessoal e musical. Vanessa une as novas canções aos títulos clássicos de sua carreira, agora reimaginados para o contexto criativo do projeto. Cada ato revela um cenário diferente, com temas inspirados por grandes nomes do modernismo brasileiro, como Oswald de Andrade, Lina Bo Bardi, Hélio Eichbauer, entre tantos outros.

“Vem Doce” oferece a potente voz da artista ao lado de sua entrosada banda num espetáculo que

une elementos de grandes gêneros da música e da cultura brasileira.

O álbum possui 13 faixas inéditas e contempla diferentes gêneros e parcerias, como João Gomes, com quem Vanessa canta “Comentário A Respeito de John”, regravação de uma canção de Belchior, além de Marcelo Camelo, L7NNON e Ana Carolina.

“Eu amo o Rio de Janeiro. Essa cidade sempre me recebeu muito bem e fiz shows históricos por lá. Dessa vez não vai ser diferente. Vou apresentar o show do meu trabalho mais recente em uma apresentação pensada com muito carinho. Tenho certeza que quem for vai se emocionar e se divertir bastante comigo”, convoca a cantora.

## SERVIÇO

**VANESSA DA MATA - VEM DOCE**

Qualistage (Shopping Via Parque - Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)  
9/3, às 21h30

Ingressos a partir de R\$ 60 (meia) e R\$ 120

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



### Gadú intérprete

Em turnê com seu quarto álbum de estúdio, o disco “Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor”, Maria Gadú reverencia a música brasileira em espetáculo no qual interpreta canções que marcaram a sua vida. O disco conta com 12 faixas produzidas por Gadú. No show, acompanhada de banda, a cantora apresenta as regravações de grandes nomes como Caetano Veloso, Gonzaguinha, Marisa Monte, Rita Lee e Renato Russo.

José de Holanda/Divulgação



### A diva do Afropop

É dandalunda, é faraó, é Margareth Menezes! Nesta sexta-feira (8), Dia Internacional da Mulher, a rainha do Afropop brasileiro (e atual ministra da Cultura) está de volta ao palco do Circo Voador após hiato de 10 anos. Na bagagem, a baiana traz todo o seu axé em uma noite que promete lembrar seus maiores sucessos para cantar junto com o público. A noite começa com as meninas do Samba Que Elas Querem, a partir das 20h.

Valéria Martins/Divulgação



### 3 Rupid eate

Patrimônio do samba e do choro, a fina flor da música carioca, Nilze Carvalho se apresenta nesta sexta-feira (8), Dia da Mulher, no Blue Note Rio, às 20h. O lugar da mulher sambista é onde ela quiser e a presença de Nilze, cantora de timbre classudo e um cavaquinho de mão cheia, é garantia de uma noite memorável. Ainda menina com um bandomolim, Nilze conquistou o público de cara com seu talento e carisma.

Ivan Erick/Divulgação



### A força de Kali

E depois da Nilze Carvalho, o Blue Note Rio abre suas portas o palco para receber, também na sexta, às 22h, a cantora e compositora Alice Caymmi. Inspirada na potência que um 8 de março representa, Alice evoca a Kali (a divindade hindú que representa o feminino) num show que mescla o trabalho autoral da neta de Dorival Caymmi e interpretações que tocam seu coração desde sempre.

# O Nordeste que canta alto (e forte)

Juliana Linhares e Rodrigo Garcia passeiam pela tradição e modernidade do potente cancionero nordestino

Por **Affonso Nunes**

**D**as vozes mais imponentes da sua geração, a potiguar Juliana Linhares é um acontecimento nos palcos onde pisa. Sua performance, sempre apoteótica, desta vez retorna em clima intimista tendo como companhia o violonista Rodrigo Garcia. A dupla apresenta neste sábado (9), às 20h e 22h30, no Blue Note Rio, o show “No Raso da Catarina”. São releituras fortes do cancionero de grandes compositores e composi-

toras do Nordeste, tantas vezes à margem do interesse da indústria cultural.

O projeto nasceu do amor que ambos partilham pelo lirismo árido das canções nordestinas e pelo desejo de homenagear e afirmar a força dessa região tão fértil quando o assunto é arte. A partir de uma pesquisa acerca do cancionero nordestino, Juliana e Rodrigo apresentam ao público os contrapontos entre o tradicional e o contemporâneo, entre a raiz interiorana e os novos baques urbanos, rearticulando as sonoridades das cordas do violão



*Juliana e Rodrigo nutrem o amor pelo lirismo árido do cancionero nordestino*

de Rodrigo com o pujante timbre de Juliana.

No repertório, releituras do cancionero tradicional nordestino trazendo à luz vozes de navalha distantes do canto aveludado das canções radiofônicas do sul. O duo interpreta Cecéu, Elomar, Jackson do Pandeiro, Ednardo, Oliveira de Panelas, Cátia de França, músicas

da própria Juliana, entre outros. Destaques para “Deixei Minha Terra”, conhecida na voz de Marilene e “Tesoura do Desejo”, de Alceu Valença.

O show “No Raso da Catarina” estreou em junho de 2018 na arena do Sesc Copacabana para uma plateia de quase 300 pessoas. Desde então vem sendo apresentado em

espaços alternativos da cidade.

## SERVIÇO

JULIANA LINHARES & RODRIGO GARCIA - NO RASO DA CATARINA  
Blue Note Rio (Av. Atântica, 1910 – Copacabana)  
9/3, às 20h e às 22h30  
Ingressos a partir de R\$ 60

# Um BBB sinfônico no Municipal

Orquestra e coro da casa abrem temporada 2024 executando peças de Beethoven, Brahms e Bruckner

É tempo de BBB no Municipal. Calma, gente! A temporada oficial de 2024 do Theatro Municipal tem início nesta sexta-feira (8) de março, às 19h, com a Série Celebrações ressaltando as obras dos compositores alemães Ludwig van Beethoven e Johannes Brahms, além do austríaco Anton Bruckner que completa 200 anos de nascimento. O concerto de abertura terá o Coro e Orquestra Sinfônica

do Theatro Municipal, sob a regência do maestro Felipe Prazeres. Os solistas serão o violinista Guido Sant’Anna e os cantores Michele Menezes (soprano), Lara Cavalcanti (Mezzo-soprano), Guilherme Moreira (tenor) e Leonardo Thieze (baixo).

Considerado um dos maiores violinistas das Américas da atualidade, Sant’Anna obteve reconhecimento internacional em 2022 ao se tornar o primeiro



*O maestro Felipe Prazeres e o spalla Ricardo Amado*

violinista sul-americano a vencer o Concurso Internacional Fritz Kreisler.

“Nossa abertura da temporada está recheada de grandes atrações, começando com o mais re-

volucionário dos compositores, Beethoven, na abertura “Coriolano”, seguido de Brahms no seu magistral concerto para violino, onde receberemos o mais importante violinista brasileiro da

atualidade, Guido Sant’anna, e finalizando com a grande efeméride do ano com o “Te Deum” de Anton Bruckner, abrindo as comemorações do seu bicentenário. Um BBB (Beethoven, Brahms e Bruckner) imperdível para o nosso querido público frequentador do Municipal”, comenta Felipe Prazeres.

## SERVIÇO

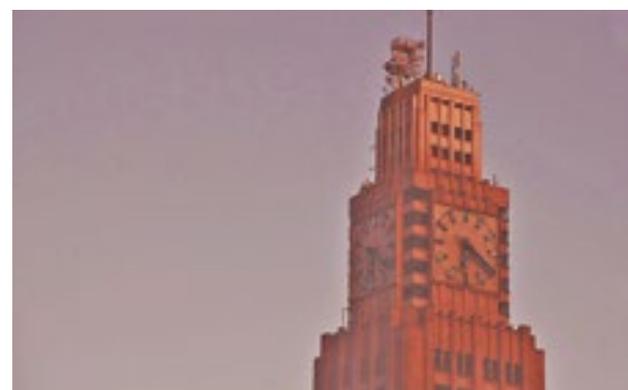
ABERTURA TEMPORADA 2024  
Série Celebrações - Beethoven, Brahms e Bruckner com orquestra e coro do Theatro Municipal Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)  
8/3, às 19h  
Ingressos: frisas e camarotes – R\$ 60 (individual) ou R\$ 360 (6 lugares) | plateia e balcão nobre – R\$ 40 | balcão superior e balcão superior lateral – R\$ 30 | galeria central e lateral – R\$ 15

Daniel Ebendinger/Divulgação



# Rio 459

Imagens plásticas da Cidade Maravilhosa por outros ângulos que nem sempre enxergamos



Tomás Rangel/Divulgação



**CHEF VANESSA ROCHA,  
DA MARIA E BOI**

Samantha Toledo/Divulgação



**CHEF MILLENA SÁ,  
DA ECLAIR**

Fabio Rossi/Divulgação



**CHEF ADRIANA VELOSO,  
DO PESCADOS NA BRASA**

# Elas no comando

No Dia da Mulher, confira uma seleção de restaurantes pilotado por chefs mulheres e as promoções para a data

Por **Natasha Sobrinho**

Especial para o Correio da Manhã

**N**esta sexta-feira, 8 de março, é celebrado o Dia Internacional da Mulher e para homenageá-las, o Correio da Manhã fez um roteiro de casas de sucesso que são comandadas brilhantemente por mulheres, além de ações especiais que elas fizeram para a data. Confira abaixo:

**BOTICA** - Para brindar o grande dia, na sexta-feira, Paula Diniz, chefe de bar do Babbo Osteria, foi convidada para comandar uma noite de coquetéis com o evento “Paulinha Recebe”! Serão dois drinques autorais: Bebete não vai embora (R\$ 31), com gin, água de flor de laranjeira, limão, água com gás e folha de pitanga, e o Nereci (R\$ 31), com cachaça Botica, vermute rosso, mariola e Aridan. Rua Fernandes Guimarães, 30 – Botafogo. Tel: (21) 99111-1835.

**PESCADOS NA BRASA** - Na casa, comandada pela chef Adriana Velosos, sexta-feira é dia de feijoada de frutos do mar (R\$ 42,90). Para comemorar o Dia da Mulher, todas as mulheres que forem almoçar terão 10% de desconto. Rua Vitor Meireles, 92 – Riachuelo. Tel: (21) 2239-9540.

**BELISCO BAR E POLVO BAR** – Foi no burburinho de Botafogo, em 2022, que a chef Monique Gabiatti abriu o Belisco, bar de vinhos e petiscos. A casa tem um estilo mais intimista e uma carta de vinhos com mais de 100 rótulos, além de uma cozinha cosmopolita, com pratos para serem compartilhados como à milanesa de carne cortado à francesa (R\$ 65). Há menos de um ano a chef inaugurou o Polvo Bar. Com uma atmosfera descontraída, o local é conhecido pelo frescor dos ingredientes, como o molusco que dá nome à casa. Destaque para a robusta coxinha de polvo (R\$ 38) e o Polvo à Lagareiro, (130g) com batatinhas grelhadas ao murro, brócolis, regado com gremolata de alho frito (R\$ 119). Belisco: Rua Arnaldo Quintela, 93 - Botafogo. Tel: (21) 99309-6196. Polvo Bar:

Rua General Polidoro, 156 – Botafogo.

**ÉCLAIR** – À frente da marca de éclairs, localizada na BarraShopping, está a chef Milena Sá. Com apenas 24 anos, a chef, que se formou em Boulangerie, Patisserie e Cuisine pela Le Cordon Bleu, inaugurou a Éclair para ser mais do que uma pâtisserie, mas sim um café sensorial em que as pessoas possam degustar doces totalmente artesanais, além de vivenciarem um atendimento de qualidade. Entre as opções estão as éclairs nos sabores: de banoffee (R\$11 – mini; R\$22 – grande); café (R\$9 – mini; R\$18 – grande); chocolate (R\$9 – mini; R\$18 – grande) e doce de leite (R\$9 – mini; R\$18 – grande) Endereço: BarraShopping – Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa. Telefone: (21) 3556-9808.

**MARIA E BOI** – O restaurante, que é comanda pela chef Vanessa Rocha vai promover um encontro em homenagem ao Dia da Mulher, o “Maria e o Brasil”. Vanessa convidou a chef Adriana Veloso, do Pescados na Brasa, para um jantar a quatro mãos femininas, que vai acontecer no dia 14/3. O menu feito pela dupla terá entrada, principal e sobremesa (R\$ 178). Para começar, Buré no cuité (milho verde, azedinha e jambu) e pastel de pirarucu, queijo coalho e vatapá. Em seguida os principais: Filhote com açaí, vinagrete de feijão Santarém com pimentas de cheiro e farinha d’água e Ancho, maniçoba e tucupicles de banana-da-terra. O final feliz chega à mesa com o Maria e a Bebel, um pavê de cupuaçu e bacuri com biscoitos caseiros de castanhas do Pará e o Misto de compotas brasileiras. Rua Maria Quitéria, 111 - 1º andar – Ipanema. Tel: (21) 3502-4634.

**TUTTO NHOQUE** – Liderado pela chef Helena Murucci, a Tutto Nhoque fará uma ação em homenagem ao Dia da Mulher durante todo mês de março. O prato de nhoque de abóbora ao sugo (R\$ 53) terá 25% da receita destinada ao Anjos do Alívio, uma iniciativa que fornece alívio e apoio as mulheres que lidam com a realidade diária da dor crônica. Rua Visconde da Graça, 63 - Jardim Botânico. Telefone: (21) 3496-7906.

Tais Barros/Divulgação



**CHEF MONIQUE GABIATTI, DO  
BELISCO E POLVO BAR**

Divulgação



**CHEF HELENA MURUCCI,  
DA TUTTO NHOQUE**

Divulgação



**A CHEF DE BAR PAULA DINIZ  
COMANDA O BAR DO BOTICA**